

## 5 enta. E\_n t ã o ?

"A actualidade sentida e pensada traz-nos um vislumbre de trabalhos e intervenções recentes, nascidos da/na conjuntura em que vivemos, e do desafio para a sua superação". Assim se enuncia um quarto tempo de leitura em: [re\_Florigen], na revista Islenha #74 [publicação gerada aquando o presente número de Triplov].

E porque ascensional a *actualidade* no caminho das invenções, ela reencontra-se nas *raízes*, mas agora nos desígnios da História. A memória contempla os legados no respeito pelo vivenciado, e nesta órbita, a vital consciência de que História, espelha-se no Respeito. Perde-se a História e sucumbe-se o considerar. E não menos sucede se a História, aqui em respiração, for a *Das Vanguardas da Arte em Portugal*.

Neste arco temporal de cinco décadas sublinhe-se porém o que resulta contributivo de uma condição distintiva, de um perfil de identidade, e esse resolve-se na arte, na — Arte de Educar.

Assim resulta testemunho da *arte hoje*, não o que é vivenciado pelo gerador do objecto enquanto "pessoa real", mas a *ferrA(u)menta* encontrada. A esses objectos criados testemunham-se como sendo a História, e não o que foi vivenciado, pois a essas experiências vivenciadas, hoje, chamam-lhes de Estórias. O que importa hoje na, sepulcral sociedade imposta, é a rendibilização da magia, até porque **em arte não há nada mais inútil que a verdade.**

"VERdade/ignOrar", 1976, foi neste caminhar o primeiro questionamento objectualizado como inquietação e feito *objecto-poema*, antes de eu vir a conhecer Joan Brossa, peça esta que interessou a António Aragão bem antes deste chegar ao visionamento do meu icónico texto "Escravos" — poema esse que cedo interessou a José Ernesto de Sousa. E já estamos, *penos\_a\_mente*, penhorando-nos a um convocar a Estória das **situAcções** e do **sentIDO**. E quando tanto feito Estória, não se inscreverá na História.

Há quem afirme que José Ernesto de Sousa *inventor*, criou o verbo **incaber**, algures a partir do Almada, tudo para que a Estória e a História se *incaibam* uma na outra. E também porque tantas vezes, sabemos, a História não é a VERdade, mas a mentIRA, **a mente em ira.**

Hoje — já tempo dos meus inter\_netos, tempo bem deles — ment(e)IRA, ira, irá, é uma seiva já natural na convulsividade da magia, resultante como condição e sentido vago. Pois sabemos bem, e como disse o **ou(t)ro**, revelas a magia da tua obra de arte, e ela jamais será para ti uma obra de arte. E como alertava o Mestre nas suas aulas — *somos o único animal capaz de se contradizer*. Sim, um privilégio de oratória...

Colhidos estes dizeres ao meu livro de bordo [os de uma conversa *ficcioNada* | no argumento do filme *progesto*: "AA\_HH"] estamos perante uma singular observação: É hoje um tempo de fazer incaber a História na moldura das nossas almas.

Diz a História estarmos no tempo e razão tangível de 50 anos de implementação da democracia em Portugal. 50 anos e chega?

Na estante das memórias trago hoje 10 aturados gestos de presença nesta celebração. *10 todos os dedos das duas mãos*. Que se juntam uma à outra. Operativas. Pois a tanto *a lucidez perigosa* obriga. E lá temos Clarice Lispector companheira das trincheiras. *A lucidez*. Essa sempre tão perigosa. É como uma calçadeira esquecida na bota. Jamais nos devolve estar numa tranquilidade, mas em convulsos **desassossegos**.

## 50 anos de Democracia | 2024

#01/10 - **Declinações Visuais do Pré Pós 25 de Abril**, MuseuSerralves, C: Miguel von Hafe Pérez, Porto.

#02/10 - **O Exercício da Liberdade**, Coleção Museu de Serralves, Museu de Aveiro/Santa Joana, C: Joana Valsassina, Aveiro.

#03/10 - **Abril 50x50**, C: Irene Ribeiro, A25A, Lisboa.

#04/10 - **Revolução Já\_Poesia Pública**, Museu e Bibliotecas do Porto. C: Jorge Sobrado e José A. Bragança de Miranda, publico.pt. Porto.

#05/10 - **Cravos e Veludo**, MNAC, Museu Nacional de Arte Contemporânea, C: Adelaide Ginga, Lisboa.

#06/10 - **Um elefante na sala, Ainda**, Centro Cultural de Águeda, C: Cláudia Melo e Lala de Dios, Águeda.

#07/10 - **50 anos e cega?** Artitude, Museu da Presidência da República, Lisboa.

#08/10 - **Coleção de Livros de Artista** da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Nacional de Buenos Aires, Argentina.

#09/10 - **És Livre?** XXIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira.

#10/10 - **Escravos.Insulae\_Do 25 de Abril, 50 anos depois**, Galeria dos Prazeres, com MUDAS.museum Madeira.

## 50 anos de Actividade Artística | AB50 | 2023-2024

#01/10 - **Vulcão olhando o prato \_ou o VEntRe**, MVM, Museo Vostell Malpartida, Cáceres, Espanha.

#02/10 - **da flor, esse rosto de esGrita**, CMBB, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra.

#03/10 - **escrita-esGrita**, CAAA, Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, Guimarães.

#04/10 - **[re\_Florigen]**, Islenha, Isabel Santa Clara e Augusta Villalobos.

#05/10 - **Das Vanguardas em Portugal**, Triplov, C: António Barros, Lisboa.

#06/10 - **POR CHE, What is Watt?** | 2023/2024, Madeira, Porto.

#07/10 - **nordMende\_RE-NHAU-NHAU\_dois obgestos**, Progesto. Coimbra.

#08/10 - **Suppose that...PiiiMenta e MalAgüeta**, Porto.

#09/10 - **E cega?**, artitude, texto visual grafado sobre camisa, 50 anos do 25 de Abril de 1974.

#10/10 - **A(r)ma-te!** Poesia Pública | Mosteiro S. Cruz | artitude. Coimbra.



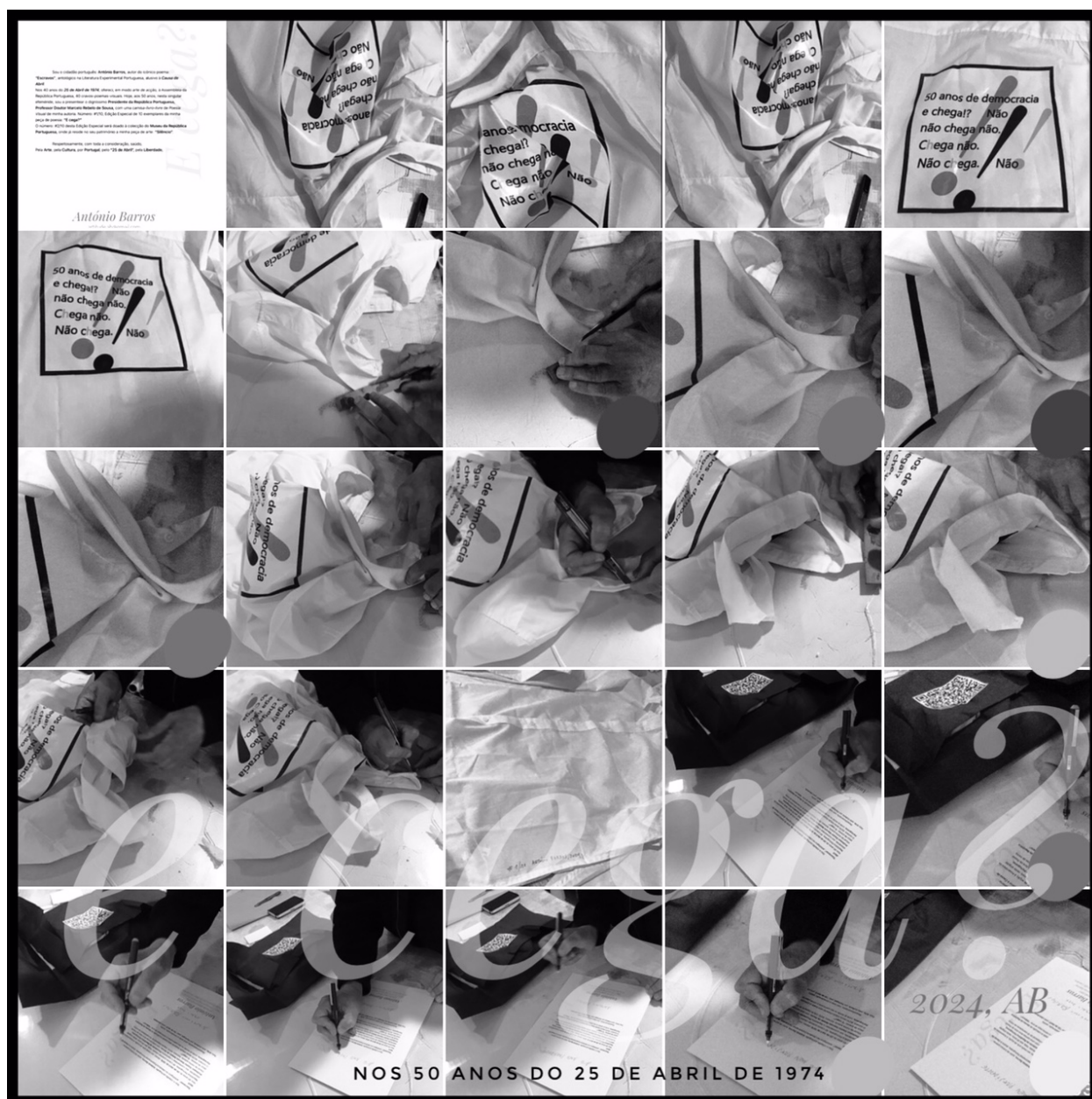
Porque indispensável, olhe-se a **HISTÓRIA** como uma *ferramenta geradora do RESPEITO*, Civilização, logo o levantar assim de um dos designios da: *Arte\_Educação*. **VOZ DA LIBERDADE**, nos anos sessenta a operar na Rádio Argel, era em Portugal a rádio ouvida na clandestinidade atrás de uma *cortina sonora*, uma censura que obstruía a legibilidade do dizer. Contudo a proximidade, entre Funchal e a costa africana, permitia colher, nessa moldura, a hipnótica locução de Manuel Alegre, ao contrário de em Lisboa, onde só o ruído *capador* surgia. Aí, no Atlântico, a Voz soltava a *Palavra*, logo quebrando essa opaca velatura. Às 0h30 ecoavam-se — de um nordMende em forma de torradeira — convulsivos *manifestos*. Estruturantes.

**RE-NHAU-NHAU**, *artístico* jornal na resistência, (d)enunciava na ilha a então violência dos militares portugueses em África. *Um desenho avulso de uma árvore com cabeças suspensas de soldados negros decapitados, resultou num ícone, marca da obtusidade de uma guerra inadmissível por todo o mundo civilizado*. Uma *ferida* que em mim se eternizou, sempre com uma convulsa vergonha a gerar revolução. Frente à minha janela, depois da ocupação e desvio do paquete “Santa Maria” por militares revoltados com o regime, estacionou o navio nos mares do arquipélago. Foi um gesto enunciando que o fim da insustentável ditadura se avistava. Ainda em 1973, Coimbra surge com os NS, e ... e o CAP\_o *Círculo*, um lugar *nevrálgico*. Aí, e dado o 1 000 011 Aniversário da Arte — essa *compósita* de Ernesto e Filliou, da Cultura FLUXUS — inscrevi esta *comunidade artística*... depois, a 25 de Abril de 1974, surge a “Revolução dos cravos”... Três anos depois o CAP, em 1977, com as suas hermenêuticas *artitudes* de alerta perante os riscos de voltar a perder-se a Liberdade, trabalha uma celebração em modo *oficina*, a do terceiro aniversário da *revolução*. Surge aí o texto visual: “Escravos” <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/antonio-barros-escravos/> Se é hoje o “25 de Abril” — História —, é ele — Respeito —, não o fim, mas o, a cada tempo, um *Começar* — como bem nos traz esse legado, aula deixada por Almada. Começar por resgatar a **HISTÓRIA\_RESPEITO** como um designio da Arte, num já hoje.

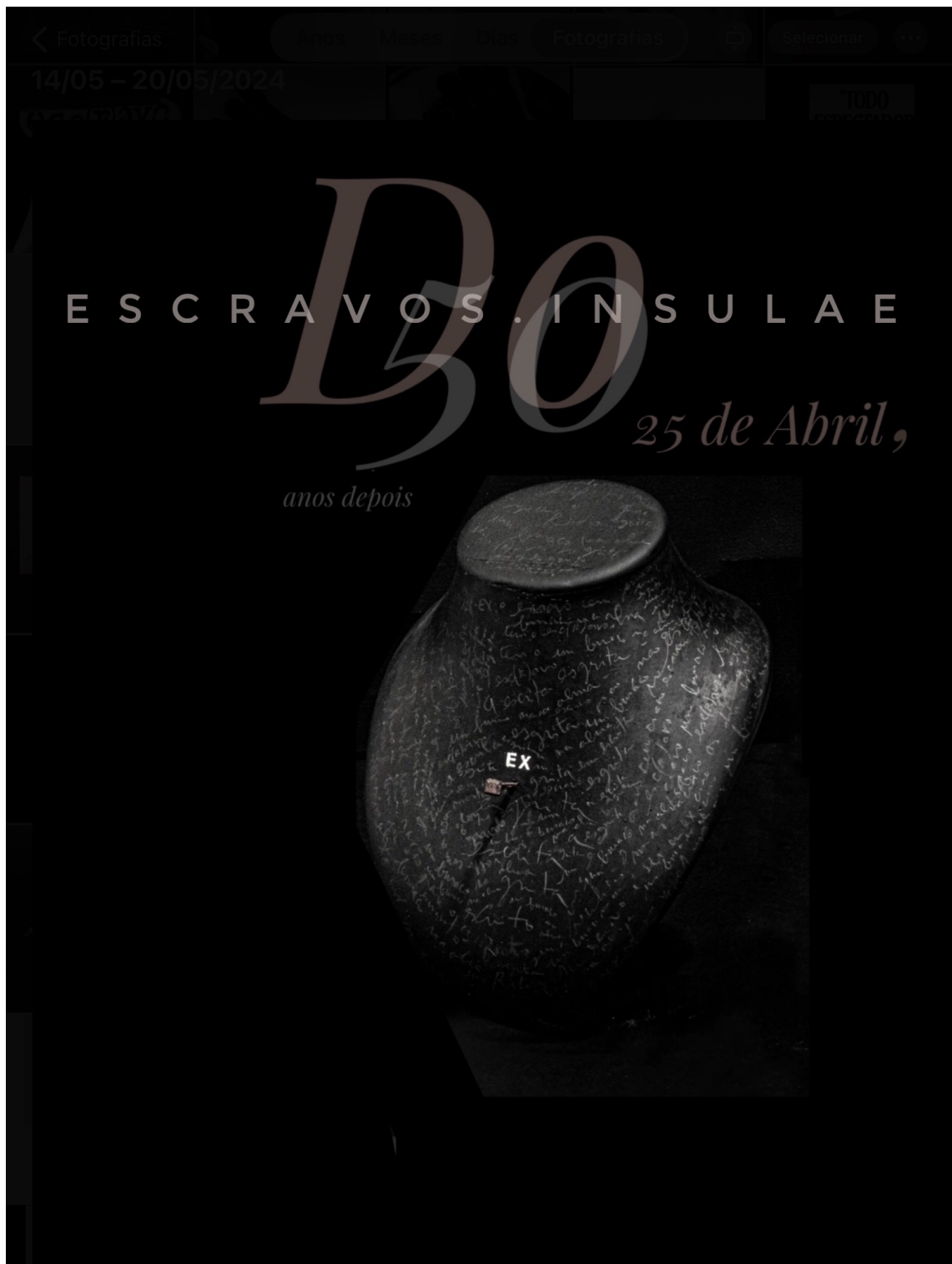
António Barros, *Quinta das Cruzes*, Funchal, 20 de outubro de 2023.

[ para a arte: *nordMende\_RE-NHAU-NHAU\_dois obgestos* ]

Projecto de *Artitude*, a realizar na Galeria dos Prazeres com o MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira, 28 junho-13 outubro, 2024.



Se nos 40 anos do 25 de Abril, inédita foi a edição de "**Lástima**" [40 cravos negros, 40 diferentes textos visuais enviados ao Parlamento]; a edição de: "**e cega?**" surge em 2024, na celebração dos 50 anos da "Causa de Abril". Criação de um texto visual grafado numa camisa branca, que começou o autor por oferecer ao Presidente da República Portuguesa. A Bienal Internacional de Arte de Cerveira de 2024, a apresentará ao público [numa hermenêutica *artitude*, sendo um ausente pássaro camisado refém de uma negra gaiola aberta, como que de uma *autofA(l)gia* se tratasse.]



"25 de Abril, 50 anos depois" é uma edição especial de 10 diferentes *Livros de Artista* e 5 PAs, em 2024.

A peça inédita que integra a *Colecção de Livros de Artista* da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian foi agora apresentada na Biblioteca Nacional de Buenos Aires. A Galeria dos Prazeres, na Madeira, apresentará de 28 de junho a 13 de outubro, a mostra: "ESCRAVOS.INSULAE\_Do 25 de Abril, 50 anos depois", uma exposição numa performativa *leitura vivenciada* dos diferentes exemplares residentes no espólio de colecionadores privados e instituições. Aí se inscreve a Biblioteca do Museu Serralves; a A25A\_Associação 25 de Abril; a dos Professores e investigadores: Rui Torres, da Universidade Fernando Pessoa; Isabel Santa Clara, da Universidade da Madeira; Augusta Villalobos Nascimento e João Gouveia Monteiro, da Universidade de Coimbra; assim como a do Cardeal José Tolentino Mendonça, responsável pela Biblioteca do Vaticano; e dá ainda a operação início a uma Colecção de Arte da própria Galeria dos Prazeres — *uma sala, luz na negra montanha basáltica*. A icónica peça: "EX\_CRAVO", inscreve um dos LA\_Livros de Artista; assim como outro LA, o livro "Silêncio dos Poetas", de Alberto Pimenta contemplando-nos com "ESCRAVOS" e "Elegia a Che" [este, um poema distintivo de Joan Brossa].